

Notas e informações**O dilema do presidente**

Começou a acontecer aquilo que temiam os democratas sinceros. Depois da arremetida inicial em que tentaram a manobra da Constituinte exclusiva, na qual não foram bem sucedidos em face da reação articulada pelo Palácio do Planalto, os filhas do Congresso Constituinte têm a visão à vista. Por intermédio dos notórios projetos de decisão, denunciados pelo PFL como farsa do PMDB, voltam à carga, apoiados pelo senador Fernando Henrique Cardoso e pelo todo-poderoso deputado Ulysses Guimarães. Que pretendem, afinal? Aprovar o regimento interno da Assembleia fazendo com que dele conste disposição (precisamente, os projetos mais invidiosos) que lhes confere o poder de alterar, por maioria simples, qualquer disposição da Constituição vigente. Excusado dizer que anseiam, com isso, instalar o *Governo da Assembleia*, à moda da Revolução Francesa. Se amanhã decidirem suprimir o Poder Executivo e compor, para substituí-lo, um *Comitê de Salvação Pública*, extraído da Assembleia, julgam que nada os impedirá de lançar mão desse golpe e saciar-se com os resultados dele.

Evidentemente, a jogada é primária — demonstra entretanto o estado de espírito que poderá prevalecer no plenário da Constituinte, gerando impasse político de si mesmo grave e tendente a desatar aguda crise política, em momento de crise econômica cuja extensão e cuja profundidade seria insensato subestimar. Por que primária? Primeiro, pelo fato de fundamentar reforma constitucional (fora da exigência dos dois terços exigidos pelo texto que vigora hoje) em simples regimento interno, elaborado para regular trabalhos parlamentares — e nada mais. Depois, pelo fato de, visando a tirar consequências práticas de tamanho absurdo, não levar em consideração que, chamado a deliberar, o Supremo Tri-

bunal Federal desmontaria sem demora e sem dificuldade a farsa — para recorrer ao léxico pefelista.

Resta saber se o recesso carnavalesco terá o condão de esfriar os espíritos conturbados dos autores desse expediente infantil. No tocante aos ritos e seu aliado declarado, o relator do regimento, sr. Cardoso, cujas convicções ideológicas mais uma vez se exibem no lance em que está envolvido, é de crer que nada de novo aconteça. Domina-os a paixão, não o raciocínio; e, quando se trata de paixão, não há margem para reconsiderar posições ou efetuar recuos táticos. Para eles, a sorte está lançada. Os projetos de decisão — é assim que pensam — lhes colocarão nas mãos o poder absoluto sobre tudo e sobre todos; significam a grande chance de encilhar o País e imergi-lo nas (supostas) soluções estatizantes, tão do gosto dos integrantes dos diversos clubes que formam a esquerda, aqui. Logo, vale a pena ousar. Se não der certo, voltarão à situação em que estavam, antes da escaramuça; se der certo, tudo será lucro.

Curiosa a postura do proconsul Guimarães, no episódio. Buscou ajudar os golpistas, querendo que destaques fossem concedidos mediante aprovação por maioria simples dos votos existentes no plenário. Tudo o que puder fazer para desestabilizar o governo e vê-lo no chão será válido para expandir o sonho que alimenta, dormindo ou acordado, de passar no peito a faixa presidencial. Com uma face, posa de amigo do presidente da República; com a outra, sorri para quantos se esforçam por derrubá-lo, aguardando a ocasião de suceder-lhe. E se à queda do sr. José Barney corresponder a ascensão do grupo extremado que apenas se serpe do dr. Ulysses? Será bom que ele pense nisso, enquanto ensaia passos da dança do ganso, para frente e para trás, numa amostra canhestra de insensibilidade política, a refletir já alienação da reali-

dade. Pois, em plena ribalta, tendo a emoldurar-lhe a figura a luz dos mil refletores das muitas presidências que acumula, fica bem claro que nada do que diz ou faz escapa ao julgamento da opinião pública ou pode ser subtraído à atenção dela.

Aparentemente, os projetos de decisão cavam o fosso que separará definitivamente o Executivo da esquerda do PMDB. Aprovados, o presidente da República reviverá Luís XVI, prisioneiro da Assembleia. Para que essa aprovação não sobrevenha será indispensável associar os votos dos moderados do partido oficial aos sufrágios dos senadores e dos deputados do PFL, do PDS, do PTB e do PL — sabido que os pequenos grupos de esquerda, tipo PT e PCs, jogam no *quanto pior, melhor*. Querirá o sr. José Barney tomar uma atitude firme, defender-se, defender seu governo, defender seu mandato, defender a Constituição? Ou continuará a *fazer média*, pôr panos quentes para safar-se de situações complexas, contemporar etc.? É seguro que, se optar por constituir a sua maioria, o presidente o conseguirá, bastando que exercite os poderes de que pode fazer uso. Exonerando, por exemplo, os ministros do PMDB que estejam solidários com o golpe, trocando-os por quem lhe seja fiel, acionando o primeiro escalão administrativo para que trabalhe coeso.

O presidente da República reúne hoje todos os dados essenciais a poder saber a que lealdades recorrerá, desempenhando o poder; e como identificará os inimigos encapuzados que o esperam dobrar a primeira esquina para prostrá-lo à traição. Tanto se exa. tem suportado dissaiores, aturado desfeitas e engolido sapos que, sem risco de erro, pode ser dito que existe uma curiosidade nacional sobre qual a atitude que virá a tomar: combaterá seus algozes ou continuará a afagá-los? Até quando?